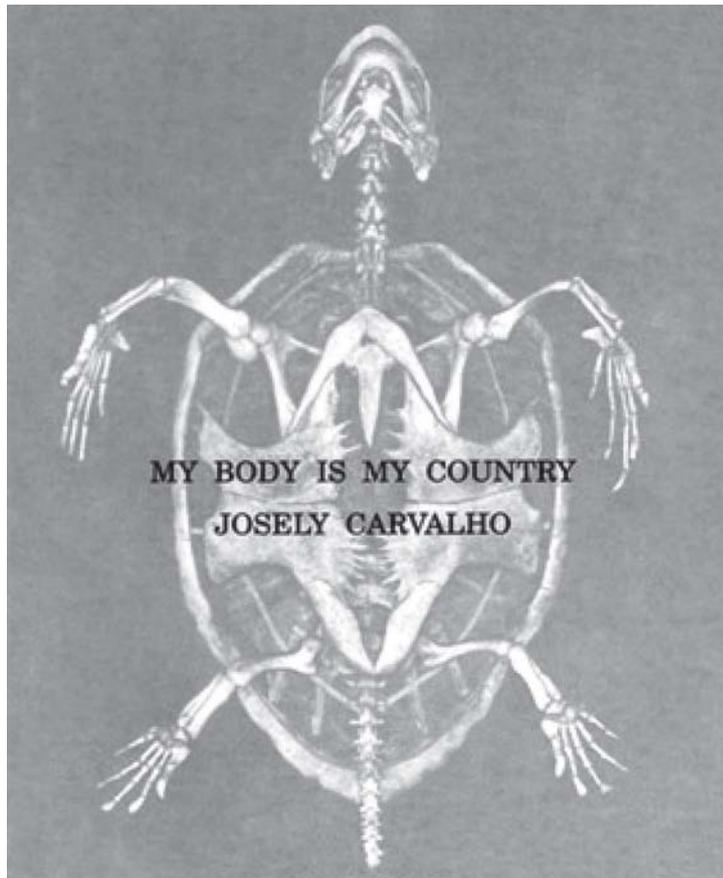


Hibridismo cultural e globalização



Josely Carvalho. *My Body is My Country*. 1991.

Maria Elisa Cevalco

Doutora em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Letras Modernas da USP. Pesquisadora do CNPq. Autora, entre outros livros, de *Dez lições de estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003. maece@usp.br

Hibridismo cultural e globalização*

Maria Elisa Cevasco

RESUMO

A questão do hibridismo, uma constante em países como o nosso, formados a partir do choque de culturas, ganha um interesse maior em tempos ditos globalizados, quando a circulação de idéias e de produtos culturais atinge um grau inédito. Essa situação molda o debate cultural contemporâneo, reolocando a questão da inter-relação entre a cultura nacional e o influxo externo. Para alguns, o mundo de hoje oferece uma oportunidade para a criação de uma cultura globalizada, um novo espaço da convivência da diversidade e do pluralismo culturais. Para outros, trata-se de submeter uma diferença nacional ao rolo compressor do lixo cultural mediático que vem, em especial, dos Estados Unidos. As posições disponíveis parecem se dividir em dois pólos: ou defendemos uma pretensa cultura nacional ou nos assimilamos à versão vigente de cultura globalizada. Meu objetivo é mapear os principais contornos desse debate e apontar que tipo de discussão os termos em que ele está colocado podem obscurecer.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, globalização, hibridismo.

ABSTRACT

The question of hybridity is a central one for countries like Brazil which were formed through the clash of cultures. This question acquires great interest in times of so called globalization, when the circulation of ideas and of cultural products reaches a hitherto unknown degree. This situation shapes contemporary cultural debate and reposes the question of the interrelation between the external influx and national cultures. Some aver that today we have the opportunity to create a globalized culture, a new space of cultural diversity and pluralism. Others consider that what is really in question is the domination of the whole world by low brow American mediatic culture. The available positions seem to offer two possibilities: either we defend an alleged national culture or we get assimilated by the current version of a globalized culture. The aim of the essay is to map the main trends in the debate and to point out questions that the terms of the current debate tend to obscure.

KEYWORDS: culture, globalization, hybridity.



Como trabalho com literatura, pode ser uma boa idéia começar estas especulações sobre cultura e hibridismo contando uma história real. Afinal é isso que faz a literatura.

A história se passa em um *college of liberal arts*, em uma cidadezinha do norte de Minnessotta. O escritor carioca Paulo Lins dá uma palestra a um grupo de estudantes, bem-informados e fascinados com *Cidade de Deus*, que eles leram em tradução para o espanhol e viram no filme que a distribuidora americana Miramax levou a todos os cantos do globo. Um estu-

* Palestra proferida no IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) em julho de 2004 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

dante pergunta o porquê de haver tanta ênfase na violência na vida da favela no Rio de Janeiro. Paulo responde com a seguinte narrativa.

Numa certa altura dos dez anos que dedicou à elaboração deste livro extraordinário, ele estava sentado em sua escrivania na favela Cidade de Deus e viu pela janela um dos “bichos soltos” mais perigosos do pedaço. Como o livro foi todo feito à base de pesquisa de campo, Paulo agarrou o gravador e foi entrevistar o bandido. Perguntou -lhe qual a coisa mais violenta que ele tinha feito. “Uma vez, matei um bebê”. Paulo, excitadíssimo em penetrar os meandros da determinação das ações, quer saber como e por quê. Mas, em compasso de vida real, vem o aviso que a polícia está vindo e o bandido tem que sair saindo. Resultado: Paulo sabe que tem que incluir isso no livro, mas fica sem saber como descrever a experiência do bandido. É então que lhe vem a idéia. Relê *Crime e castigo* e concebe tudo o que se passa pela mente de um assassino. No fim das contas, conclui Paulo Lins, quem matou o bebê no romance *Cidade de Deus* foi Raskolnikov.

Gosto dessa história porque demonstra que o trânsito entre culturas, tão celebrado em nossos tempos ditos pós-modernos, é um aspecto quase inescapável da produção cultural — e, por esse ângulo, falar em culturas híbridas é redundante e banal. Basta pensar, por exemplo, que o hibridismo, longe de ser exclusivo de nosso momento da globalização, se dá sempre que diferentes civilizações entram em conflito, em combinação ou em síntese. Sabemos bem que o processo de hibridismo cultural atingiu um paroxismo violento nisso que os que ganharam a guerra chamam de colonização das Américas. Os que acham que a onda é saudar as oportunidades culturais que a globalização facultaria teriam que apagar a História e esquecer que, do ponto de vista dos vencidos, o sincretismo, mais do que um jogo, é uma negociação doída, um exercício de resistência, mas, acima de tudo, de rendição.¹

Com isso não quero dizer que não valha a pena examinar mais de perto o reaparecimento do termo na discussão cultural contemporânea. Não há dúvida de que o processo de contatos culturais atingiu uma fase epidêmica nesse mundo cada vez mais parecido com o sonho (ou será pesadelo?) de uma aldeia global, com possibilidades de conexões interculturais que até ontem pareciam de ficção científica. Todo esse desenvolvimento tecnológico está, de forma mais e mais evidente, voltado para azeitar o bom funcionamento de um sistema mundializado, que depende de uma engrenagem de consumo constante cuja racionalidade perversa é tarefa da cultura promover. Este é um dos sentidos em que, na formulação famosa de Fredric Jameson, a lógica do estágio atual do capitalismo é cultural.²

Essa predominância do cultural no momento contemporâneo nos coloca a todos, críticos e estudantes da cultura no Brasil, mais uma vez e com potência inédita, diante do impasse estrutural dos intelectuais na periferia. Citando Machado de Assis, podemos dizer que parte do problema da questão da cultura no Brasil vem do fato de que “o influxo externo é que determina a direção do movimento”. Some-se a isso outra injunção inescapável da realidade brasileira sobre o trabalho intelectual. É Antonio Candido que coloca, com precisão característica, os termos de nosso dilema de base: vivemos um engajamento peculiar, diferente do dos intelectuais nos países centrais, estamos sempre contribuindo para a construção

¹ Ver a formulação de STAM, Robert. *Hibridity and the aesthetics of Garbage: the case of the Brazilian cinema*. ELAL. *Estudios interdisciplinarios de América y el Caribe*. Disponível em www.tau.ac.il/eial/IX-1/stam.html.

² Ver JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo ou a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.

³ Ver SCHWARZ, Roberto. Do lado da reviravolta. In: HADDAD, Fernando (org.). *Desorganizando o consenso*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 15-27.

⁴ SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 13-28.

nacional, sempre incompleta. O país novo é um pano de fundo especial, com regras próprias. Estamos sempre tentando explicar o Brasil, salvar o Brasil, achar a brecha que nos permita, enfim, sair do atraso.³

Como lembra Roberto Schwarz, isso é muito bom, já que evidentemente o país precisa de salvação. É claro que não ajuda muito o fato de que os parâmetros que definem o que é salvação, explicação e mesmo atraso ou progresso venham de fora. A cultura brasileira é o espaço onde se procura articular os significados e valores que possam dar conta de aplainar as enormes dificuldades de se usar normas externas para explicar uma realidade que discrepa e relativiza as pretensões de universalidade e pertinência desses parâmetros.

Decorre daí muito do potencial explicativo da teoria das idéias fora do lugar do próprio Schwarz, que descreve o funcionamento peculiar da vida das idéias no Brasil, pautada pela “combinação amalucada de normas prestigiosas da modernidade com relações sociais de base que diferem muito delas”⁴. Os esforços mais produtivos de entender o Brasil são justamente os que se organizam a partir do choque entre noções cuja base material está em outra parte e uma realidade social que estas noções não descrevem, nem mesmo de maneira falsa.

Esta situação, que não é uma escolha, mas um resultado histórico, abre, no entanto, algumas possibilidades cognitivas. A menos que queiramos viver para sempre na ilusão estéril de que existe um mundo do espírito separado da vida material, temos que submeter nossas idéias ao teste da realidade social. Ora, quando as idéias prestigiosas do centro são chamadas para explicar a realidade acachapante do Brasil, se produz muitas vezes um choque que acaba por demonstrar as limitações dessas idéias, tanto cá quanto lá. A falsidade revelada aqui dá pistas para entender a falsidade de lá, e é nesse sentido que a peculiaridade brasileira pode ter significado mais geral. Entender as formas como as noções correntes não funcionam no Brasil ajuda a ver o que elas escondem também em seus lugares de origem.

Esse ângulo nos possibilita olhar o ressurgimento da questão do hibridismo cultural no momento da globalização sem cair na armadilha improdutiva dos julgamentos morais que parecem reduzir a discussão a duas posições igualmente estéreis. De um lado, os que condenam a globalização, como se fosse possível evitá-la, e recomendam que se resista ao hibridismo em nome de uma cultura pretensamente nacional, como se tal entidade existisse. Toda cultura nacional que conheço é um equilíbrio instável e contraditório, onde diferentes interesses lutam para se impor como exclusivos. Do outro lado, estão os que saúdam esse momento como uma janela de oportunidade para as culturas periféricas. A globalização seria o espaço de convivência da diversidade, do pluralismo e da diferença. Nas leituras mais politizadas, seria o momento de dar o troco para o centro. Penso que esta é uma das atrações da noção de híbrido como defendida por Homi Bhabha, para quem a *disavowal*, ou a rejeição discursiva, quebraria as regras de dominação, como se essas regras fossem meramente discursivas e não ancoradas em relações de produção.

Do lado latino-americano, a euforia do hibridismo está bem representada em Néstor García Canclini, para quem, na realidade de hoje, não haveria mais dominação. A antiga imposição, pelo centro, de formas de vida e de produção cultural é substituída pela renego-



ciação. Os intercâmbios e os contatos possibilitados pela globalização são “progressistas e saudáveis” e dão impulso à proliferação de novas culturas. As idéias de dominação e imposição não se aplicariam nesse novo quadro: “a densa rede de decisões culturais e econômicas leva a assimetrias entre os produtores e os consumidores e entre os diversos públicos. Mas essas desigualdades não são quase nunca impostas de cima para baixo como pretendem os que estabelecem oposições maniqueístas entre classes dominantes e dominadas, ou entre países do centro e da periferia.”⁵

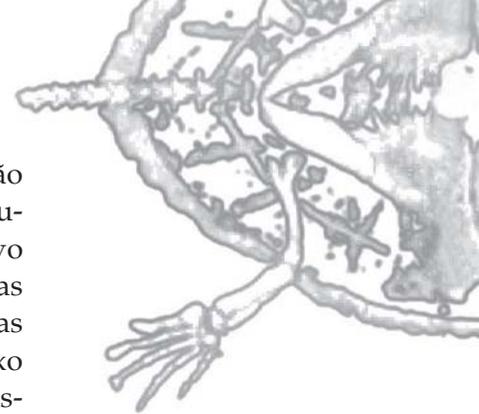
A tentação de contrapor essa visão otimista de hibridismo cultural à realidade brasileira é irresistível: não é preciso defender uma cultura pretensamente nacional para ficar horrorizado com certos desastres culturais da globalização que vão desde a importação de *reality shows* — que realizam, entre outros, o prodígio de transformar as novelas melosas que eles substituem em um produto cultural interessante — a intelectuais que evocam a desconstrução filosófica das oposições binárias como forma de cancelar as diferenças reais que ainda separam, como todos, maniqueístas ou não, vivemos em nosso cotidiano, os horrores do centro dos horrores da periferia.

Mas, se é assim, por que então essas noções são tão bem aceitas? Por que tão poucos gritam que o rei está nu? De minha parte, penso que essa aceitação se dá porque noções contemporâneas como hibridismo ou entre-lugar são elaborações conceituais de aspirações reais. Num certo sentido, formulam o que todos queremos ouvir. Do lado dos que exercem a hegemonia cultural, abrem um espaço para a cooptação: é como se estivessemos escolhendo e promovendo a mescla cultural, e não sofrendo uma imposição a que não temos forças de resistir. Do lado dos que se assumem como periféricos, pensar-se como híbrido abre o caminho para uma reencenação da velha aspiração de integração em uma norma que foi feita para nos excluir. Segundo esse raciocínio, agora podemos nos integrar, claro que de saída como algo exótico, mas logo, logo nos integraremos totalmente, assim que... e aí vem a longa lista de “se ao menos” que recoloca os temas recorrentes do que nos falta para sermos, enfim, parte do tal concerto das nações.

É nessa altura que se impõe a velha e persistente pergunta: que fazer? Como nos posicionar nesse turbilhão que rouba nosso fôlego especulativo?

Certamente que não há respostas prontas. Mas gostaria de sugerir o que a tradição com que trabalho, a de crítica cultural materialista, pode contribuir para sair do atoleiro intelectual em que a nova versão da velha ordem mundial nos coloca.

Para efeito de sumário rápido das formas de lidar com a cultura da tradição materialista, penso que vale a pena seguir Jameson⁶ e tomar emprestada a famosa distinção de Paul Ricoeur⁷ entre dois tipos de interpretação: a hermenêutica negativa, ou hermenêutica da suspeita, cujo trabalho é o da desmistificação ou destruição das ilusões que evoluem nossas tentativas de fazer sentido da experiência; e uma hermenêutica positiva, a que abre acesso a uma restauração do significado. Claro que para Ricoeur a única via de acesso a este significado restaurado se encontra nas formas do sagrado. Mas a tradição materialista, bem mais conhecida pelo seu trabalho de hermenêutica negativa, de desmascaramento das ideologias e das formas do falso em nossa consciência, opera sempre no horizonte de



⁵ CANCLINI, Néstor García. Cultural reconvención. In: YUDICE, Geroge, FRANCO, Jean e FLORES, Juan (eds.). *On edge: the crisis of contemporary latin american culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992, p. 34.

⁶ Ver JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma*. São Paulo: Hucitec, 1985.

⁷ Ver RICOEUR, Paul. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.

⁸ Ver BLOCH, Ernst. *The principle of hope*. Massachusetts: MIT Press, 1995.

uma mudança social que conduza enfim a uma sociedade liberada, onde a aspiração de igualdade possa vir a se realizar. Esse o sentido, por exemplo, do trabalho de Ernst Bloch⁸, para quem parte fundamental da hermenêutica materialista é desentranhar a figura da esperança, que para esta tradição é sempre a de uma mudança radical da ordem reinante, mesmo em suas formas mais reprimidas e degradadas, produzidas em um tempo de desesperança.

Que tipo de contribuição essas duas formas da hermenêutica materialista podem trazer para o debate cultural contemporâneo? Vimos que o ressurgimento de noções como hibridismo cultural dá notícia de um dilema real, repostado com força total pelo desenvolvimento tecnológico: estão dadas as condições técnicas para a criação coletiva de uma riquíssima cultura mundial, baseada na troca e na interação das diferenças, uma cultura que enfim tornaria a noção abstrata de humanidade concreta. Ora, como a tecnologia não está a serviço da humanidade, mas a serviço de uma visão degradada da vida, nada mais longe da cultura global realmente existente do que essa comunidade mundial da cultura. Os que, como nós, estão interessadíssimos em manter viva a possibilidade de se lutar por uma versão diferente do que a que está dada, ficam enlacrados, de novo, em uma dualidade difícil de resolver. Tanto no centro quanto na periferia, nós, intelectuais progressistas, estamos todos concentrando nossas energias em tentar desatar mais essa oposição binária que se estrutura, como tantas vezes, em duas escolhas impossíveis: será que devemos lutar pela assimilação da nossa cultura nacional na versão hegemônica da cultura global, e desse modo assegurar um nicho em uma ordem que se apresenta como “moderna”, “imutável e “inevitável”? Ou será que deveríamos insistir na autonomia e defender as especificidades de nossa situação nacional?

Uma maneira alternativa de se colocar o mesmo dilema seria: será que devemos lutar por uma cultura global, que aproveite as oportunidades de trocas culturais proporcionadas pela Terceira Revolução Industrial, ou será que deveríamos nos concentrar em proteger as culturas mais frágeis do rolo compressor da cultura global, que é erroneamente chamada de cultura de massas, como se fosse efetivamente produzida pelas massas ou para as massas, e não, como realmente acontece, imposta a partir de um ou dois centros metropolitanos através de grandes monopólios de comunicação, todos voltados para a circulação e reforço de uma visão redutora e homogeneizada dos desejos e aspirações humanas, uma visão que serve primordialmente para suprir as necessidades do sistema?

Os termos do debate expressam um antagonismo real e qualquer política cultural reformista teria que trabalhar para esclarecer a serviço de qual dos dois lados estão todas e quaisquer de nossas iniciativas artísticas, críticas ou educacionais. Mas um exercício de hermenêutica negativa nos ajudaria a ver o que os termos do debate se esforçam por esconder. De saída podemos apontar pelo menos três pontos altamente suspeitos:

1. Ao se estruturar em termos de uma dicotomia, assimilação ou autonomia, o debate dá de barato que existe escolha nos termos do sistema. Isso equivale a comprar o sistema do capitalismo tardio pelo preço que ele se vende: como se sabe, o nosso tempo se define como o das escolhas infinitas. Só que neste caso, como em tantos outros, falar em escolha impede que se veja que, dados os recursos envolvidos na cultura atual

do consumo, é tão difícil resistir à sua força avassaladora como é difícil resistir aos ditames daquele a quem esta cultura serve, o tal do mercado livre, que, como sabemos, é tudo menos livre.

2. Ao se concentrar nos efeitos, nas manifestações culturais, como se tivessem existência autônoma, o debate ignora as causas. A globalização pode ser descrita como nada mais nada menos do que a universalização das contradições do capitalismo. Os impulsos desse estágio atual — o do capital multinacional ou global — continuam sendo uma estandardização cada vez maior, uma implacável divisão do trabalho, agora totalmente internacional e uma igualmente implacável desigualdade social. Como sempre, uma grande parte do trabalho da cultura é tentar remendar as fissuras sociais reais, suavizar o impalatável e transformar os negativos materiais em positivos espirituais. Assim, nosso tempo, marcado por cada vez mais do mesmo, é repaginado como o momento da diversidade, do pluralismo, dos encontros híbridos. Claro que, nas condições atuais, todos esses aspectos positivos são ilusões bem fundamentadas em aparências. Ao nos emaranharmos nas aparências, deixamos intactos os fundamentos, e perdemos a oportunidade de construir uma agenda alternativa de discussão e, assim, escapar dos ditames de uma ordem que, em sã consciência, não podemos apoiar.

3. Ao nos submetermos à agenda de discussão vigente, nos furta-mos de questionar seus fundamentos. Veja-se, por exemplo, a questão da integração em uma cultura que se diz global, mas que, de fato, é a cultura mercantilizada do consumo. Sabemos que o processo atual de produção de mercadorias, onde um grupo grande produz valor para um grupo cada vez mais restrito, sempre foi instrumental na produção de desigualdade e exclusão. A inclusão nesse tipo de processo acarreta necessariamente a exclusão de outros. Será que o horizonte máximo do desejo em nossos dias é o da integração em uma ordem que produz exclusão?

Nesse quadro de dificuldades, fica complicado apresentar a contribuição da hermenêutica positiva. No entanto, eu gostaria de terminar apontando justamente a contribuição de uma crítica cultural contemporânea para um projeto que vislumbre a poesia do futuro em um presente que se apresenta como eterno. Recentemente, o crítico americano Fredric Jameson chamou a atenção para o fato de que um dos efeitos mais nocivos da globalização é que ela conseguiu seqüestrar nossa imaginação, fazendo-a prisioneira do imutável: somos capazes de pensar em apenas duas possibilidades de futuro: a destruição total, geralmente por catástrofe nuclear ou colapso ecológico, ou então, a permanência do que existe. Essa situação objetiva cria a necessidade de se pensar o seu contrário, ou seja, cria a necessidade da utopia, de imaginar algo diferente do que é. Não é outra a injunção de Ernst Bloch para quem, como vimos, a operação hermenêutica deve desentranhar a esperança que, mesmo de maneira tremendamente distorcida e reprimida, tem que estar presente — se não, com seríamos capazes de conceituá-la? — em todas nossos esforços de construção de sentido.

Assim é possível e necessário encontrar laivos de utopia mesmo nos lugares mais improváveis. O próprio *Cidade de Deus*, com que começamos esta palestra, nos pode dar um exemplo das possibilidades dessa hermenêutica positiva.

Vocês se lembram que um dos efeitos mais perturbadores desse

⁹ SCHWARZ, Roberto. Cidade de Deus. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 163-171.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 171.

romance é o seu ponto de vista interno. Vistos por dentro, os criminosos não são apenas monstros, nem meros resultados estatísticos de uma sociedade de exclusão aterradora. Roberto Schwarz nos chama a atenção para o fato de que, “se, por um lado, o crime forma um universo à parte, propício à estetização, por outro ele não está fora da cidade comum, o que proíbe o distanciamento estético e obriga a uma leitura engajada, nem que seja por medo.”⁹ Seu mundo, conclui Roberto, “é o nosso, e longe de representarem o atraso, eles são resultado do progresso, o qual naturalmente qualificam. No íntimo, o leitor sente-se em casa com eles, pois tendem a realizar o sonho regressivo comum da apropriação direta dos bens contemporâneos”.¹⁰

Que pode haver de utópico nesse retrato do horror que vivemos? Vimos que a utopia nos leva a pensar em algo diferente do que é. A interpretação de Roberto relativiza um dos modos pelos quais fugimos da questão da fratura social brasileira. Refiro-me, é claro, à divisão que estabelecemos entre um “nós” e um “eles” totalmente dissociados, como se nosso modo de vida não tivesse nada a ver com o que se passa no universo da exclusão. Ao mostrar que compartilhamos o mesmo espaço e os mesmos desejos degradados, a leitura de *Cidade de Deus* aponta, de forma bem tênue e quase imperceptível, que, se houver uma saída para esta enorme encrenca que é viver no Brasil de hoje, essa saída passa pela superação dessa dicotomia de “nós e eles”, e pelo esforço de imaginar uma comunidade necessária.

Certamente é bem pouco, diante do coro avassalador da ideologia contemporânea que martela incessantemente que não há alternativa, que a vida é só isso que se vê. Cabe à hermenêutica positiva apontar que essa insistência pode até nos ter anestesiado, ou nos hipnotizado, com palavras de ordem vazias de sentido, mas não conseguiu enterrar para sempre o desejo de outra forma de vida.

Todo esforço de crítica cultural que apontar nessa direção será mais um entre nossos poucos recursos para uma jornada de esperança.



Texto recebido em janeiro de 2006. Aprovado em fevereiro de 2006.

